

**O PROBLEMA DA INDISCIPLINA NO ENSINO:  
UM CAMINHO A SER TRILHADO  
POR UM MODELO DE TRABALHO INTERATIVO**

*Carmen Elena das Chagas (IFRJ)*  
[carmen.chagas@ifrj.edu.br](mailto:carmen.chagas@ifrj.edu.br)

**RESUMO**

A indisciplina nas escolas se apresenta como um dos principais desafios da educação em muitas Instituições de Ensino, independentemente, da etapa escolar e da faixa etária. Este trabalho objetiva trazer uma reflexão que possibilite reduzir alguns comportamentos inadequados através de ensino fundamentado na interação dialógica, valorizando os aspectos psicossociais dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e tecer algumas considerações pedagógicas que poderão ajudar o professor a superar essa dificuldade.

**Palavras-chave:**

**Indisciplina. Ensino-aprendizagem. Interação dialógica.**

***1. Considerações iniciais***

A disciplina é um tema que gera muita divergência e que surge porque a cada época, a cada cultura, em determinado momento histórico, apresenta-se um conceito diferente. Faz-se necessário, aqui, que se estabeleça uma relação entre disciplina e moral. Se o entendimento de disciplina passa pela possibilidade de escolha entre normas e regras a serem seguidas, convém que essa opção passe por critérios de moral, pois estamos constantemente decidindo entre o que é bom ou ruim, aceitável ou não, seguindo consensos culturais pré-estabelecidos e vivenciados historicamente.

Jean Piaget (1972) considera a moral como um sistema de regras e acredita que a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras. Sendo assim, estabelece vinculação entre regra e moral e salienta a importância que o respeito às regras exerce no desenvolvimento da moralidade, entendida como o sentimento de partilhar costumes coletivos socialmente aceitos e consensualmente aprovados. Assim a educação tem por objetivos a conquista da autonomia de cada ser humano.

Isso significa que o sujeito já sabe que há regras para viver em sociedade, mas a fonte desse regramento está nele, como sugere o prefixo “*auto*” e alguns professores parecem esquecer do sufixo “*nomia*” que indica a presença de regras. Esses profissionais acreditam que a autonomia de seus alunos será alcançada, deixando-os “livres” para decidirem que regras seguirem, descambando para a permissividade. Em contrapartida, a indisciplina, na escola, apresenta características próprias e só adquire significado em relação ao processo pedagógico em curso, devendo ser compreendida quando se leva em conta a função que desempenha nesse processo. Aprender é construir representações pessoais dos conteúdos que devem ser significativos para o aluno.

Quando a escola e os professores conseguem compreender o verdadeiro sentido da autonomia começam a construir, desde cedo, o caminho da disciplina como possibilidade de escolha individual através da compreensão do lugar do outro na sociedade e do respeito pelas regras como fruto de um consenso que fundamenta e mantém esta sociedade em permanente evolução.

Segundo vários estudiosos, somente uma pequena parte do tempo na escola é dedicada à socialização e construção do conhecimento. A maior parte é empregada em evitar rotinas, em impor ou escapar ao controle, em manter ou romper a ordem. A experiência da escolaridade é algo mais complexo do

que o processo de instrução. A indisciplina na escola diz muito sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

A indisciplina e a disciplina não se encontram em lados opostos quando ambas são prejudiciais ao processo de ensino-aprendizagem porque alunos retraídos, ansiosos e imaturos representam uma ameaça maior para si do que para as pessoas que os rodeiam. Como, geralmente, não são indisciplinados, não causam problemas para o controle da sala e apresentam um baixo autoconceito.

## **2. A indisciplina como um fator preponderante à interação socioescolar**

A indisciplina é suscetível a múltiplas interpretações. O indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante a uma norma explícita sancionada em termos escolares e sociais. Esses desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme cada aluno.

Embora a indisciplina seja antiga no meio escolar, sua relevância teórica não é tão nítida aos padrões exigidos pela sociedade.

As deficiências comportamentais são definidas como uma variedade de comportamentos deficientes, excessivos e crônicos, que variam desde o impulsivo e agressivo até o depressivo e de retraimento, que violam as expectativas de inadequação do observador e que este deseja ver interrompido. (ANTUNES, 2009, p. 45)

Diante dessas deficiências comportamentais, padrões de comportamento problemático em crianças foram diagnosticados:

- a- *Distúrbio de conduta* é aquele que a criança desafia a autoridade e pode possuir um perfil cruel, agressivo e tem poucos sentimentos de culpa;

- b- A criança *retraída e ansiosa* se apresenta de forma tímida, segregada, sensível e submissa. É extremamente dependente e fica deprimida;
- c- Já a *imaturidade* refere-se às crianças que são desatentas, morosas que não têm interesse na escola que apresentam preguiça, tendência ao devaneio, sonolência e incredulidade;
- d- A criança com *agressão socializada* possui algumas características de comportamento da criança com um distúrbio de conduta, porém mantém relações sociais com um grupo de colegas, como gangue, com comportamento errado.

Crianças, que atacam outras fisicamente, frustradas, que choram com constância, que são manifestamente infelizes ou hiperativas a ponto de jamais responderem ao comando adulto, têm características que são problemáticas até certo limite, independentemente, da situação. Nesses casos, a intervenção de autoridade é importante.

### **3. *Uma escola humanizada como meio de interação psicossocial***

O objetivo da escola é uniformizar o discurso interno e facilitar a tomada de decisões. O ensino deveria ser o espaço para as pessoas se realizarem como cidadãos e se tornarem sujeitos do próprio conhecimento. A essa evolução foi dado o nome de bagagem cultural. Dessa forma, a escola torna-se um reflexo da sociedade. Só haverá transformações verdadeiras quando a realização humana estiver acima do trabalho.

É preciso mostrar que o planejamento individual deve dar lugar ao trabalho em equipe para oportunizar a participação de todos. Isso possibilita o direito de aprender.

O papel da escola, hoje, é muito diferente do que era há alguns anos. As exigências são outras e o papel do educador é adaptar-se à situação, deixando de ser um selecionador para se tornar um gestor do conhecimento.

A resistência a essa perspectiva é justificável porque todo o sistema educacional privilegia os conteúdos para o bem ou para o mal. Mesmo que os professores só queiram, apenas, dar aulas, eles não podem perder a consciência de que o aluno só vai aprender se tiver condições físico-emocionais adequadas. Professores e escola precisam se conscientizar de que: é necessário identificar a cultura da escola/aluno e estabelecer um código de comportamento; é importante que não exponha e nem inferiorize o aluno; é preciso que se imponha limite sem traumatizar; e é fundamental que se tenha muito claro quais são os valores de cada indivíduo, porque com regras explícitas fica fácil estabelecer os limites.

Uma possibilidade é envolver todos da escola, visando um projeto político-pedagógico que atenda à realidade escolar como consequência, pode haver uma maior valorização do espaço escolar, da função social e do estímulo aos alunos para que frequentem as aulas, o que auxilia na reversão da repetência e da evasão escolar.

O principal papel da escola é o desenvolvimento humano, cabendo-lhe a missão permanente de contribuir para o aperfeiçoamento das pessoas numa dimensão ética e solidária, garantindo um estado de direitos e deveres, mas só se concretiza essa missão, atentando para o currículo e para o diálogo.

A prática escolar se distingue de outras educativas por constituir uma ação intencional, sistemática e planejada durante um período de tempo. A escola, representada pelo professor, toma para si o objetivo de formar cidadãos e busca eleger como objeto de ensino conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais.

Um ensino de qualidade deve contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que se tem hoje e a lidar com a rapidez na produção e circulação de novos conhecimentos avassaladores. Com isso o professor precisa delimitar os conteúdos através de um currículo mais flexível e condizente à realidade do aluno.

O planejamento seria um instrumento de trabalho em processo de acordo com as necessidades da classe, fazendo necessário um conhecimento prévio sobre o que os alunos sabem sobre o assunto. Tudo deve ser previamente estudado pelo professor que será um guia para ajudar o estudante a explorar, reconstruir e se situar no meio cultural onde vive, criando situações que facilitem a aprendizagem de procedimentos que contribuam para a construção da autonomia pessoal. O fator decisivo é a importância que se dá à atividade mental construtiva e o valor que a interação proporciona aos envolvidos na aprendizagem.

O professor precisa desempenhar seu papel de mediador que inclui disposição para dialogar sobre objetivos e limitações e mostrar ao aluno o que a escola e a sociedade esperam dele. Quando o professor dialoga, é democrático, não perde sua autoridade e sim valoriza e respeita a identidade da turma.

É importante tomar consciência de que a inquietação é inerente à idade e faz parte do processo de desenvolvimento e de busca do conhecimento. O professor precisa dizer à turma tudo o que cabe a ela para facilitar o ensino, porque quem pretende formar cidadãos deve promover trocas e não imposições. Todos devem dizer o que querem ou não que aconteça no período letivo que se inicia. O aluno precisa aprender, desde muito cedo, que toda ação humana se configura dentro de certos limites. Esse balizamento é necessário para estruturar sua personalidade e fazer dele um ser social. Através desse processo, o meio incute nele os valores necessários à convivência

humana, produtiva e harmoniosa. Todos vão incorporar e cumprir as normas de conduta. A indisciplina que antes incomodava, vai se transformar numa grande aliada.

#### **4. A importância da figura do professor no ensino**

É impossível falar de autoridade sem fazer uma ressalva: ela não é dada de “mão beijada”, mas é algo que se constrói. Ter autoridade é muito diferente de ser autoritário. O estudante precisa aprender a noção de limite e isso só ocorre quando ele percebe que há direitos e deveres para todos e aprende a diferenciar o comportamento de cada professor e o trabalho, assim, “centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais”. (BRASIL, 2000, p. 18)

Se o professor não perceber a complexidade do processo de interação, ele estará, na maioria das vezes, ecoando acriticamente comentários alheios, sem conseguir implementar essa visão, verbalizando sem agir. Também não é possível avaliar de maneira coerente as vantagens das propostas de ensino baseadas na interação se de fato o professor não conhecer nenhuma outra proposta. Assim, professor, cabe a você optar por qual caminho quer trilhar. Na verdade, não há uma receita de bolo. Há, sim, muito trabalho e dedicação para que o processo de interação entre conduta e aprendizagem possa ser objetivo e eficaz.

#### **5. Considerações finais**

Atualmente, a sociedade brasileira é vitimada pela descrença dos valores éticos, torna-se imperioso para os gestores das políticas públicas educacionais viabilizarem um projeto político-pedagógico, cujo currículo expresse as questões trans-

versais etnoculturais e subjetivas na formação crítica do homem, porém a realização do acolhimento e da socialização dos alunos pressupõe o enraizamento da escola na comunidade.

Essa interação possibilita a construção de projetos que visam a uma melhor formação dos alunos. O estabelecimento de condições adequadas para essa formação deverá estar pautado nas questões cognitivas, emocionais e afetivas para um bom ensino.

Diante das dificuldades, muitos alunos desenvolvem atitudes que vão desde a apatia até as recusas em se adequar ao que a escola solicita. Eles desafiam todos constantemente. É preciso, pois, estabelecer uma relação de confiança para que possam produzir e apresentar um desempenho escolar satisfatório.

Desejamos que as pessoas participem dos problemas e sugiram soluções, que compartilhem as dúvidas e o prazer de aprender e ensinar, ouvindo um ao outro. Isso se entende por interação produtiva, parte integrante de uma escola que respeita as diferenças individuais dos alunos e professores.

Ao enfatizarmos as diferenças individuais, tentamos oferecer um elemento de integração que atribui significado tanto às diferenças quanto às semelhanças entre os alunos e às adaptações adequadas das práticas educacionais.

Ao se descobrir como pessoa única e, ao mesmo tempo, dependente do outro para se conhecer, o indivíduo percebe, por um lado, suas características pessoais e, por outro, as diferenças entre aqueles que o cercam, tornando-se capaz de definir seus valores próprios construídos na pluriethnicidade, no multiculturalismo, no combate ao preconceito e a todos os tipos de exclusão. Entendemos como escola inclusiva aquela que se organiza funcional e pedagogicamente para atender a essas diferenças. Precisamos reconhecer que a aprendizagem



na vida é um processo e que o fim da educação é sempre mais educação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

PIAGET, Jean. Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo. In: \_\_\_\_\_. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.